

Décima Segunda reunião do Projeto Político Pedagógico (PPP)

No dia trinta de outubro de dois mil e quinze, às 16h20, teve início a reunião de PPP nas dependências da UNICID, com tema a “organização da divisão de turmas em 2016”. Estavam presentes à reunião Vitor Martins, Talita Amaro, Gabrielle Idealli, Renata Cristina Pereira, Daniel Sonzzini, Tatiana Venâncio, Vitoria Alves, Alessandra Ribeiro e Alan Lima.

Vitor propõe que se faça uma divisão diferente: com semanas pares e ímpares, em que a semana par seria conteúdo geral, e a semana ímpar tivesse conteúdo mais aprofundado, em que estudantes escolhessem o que mais precisam ou querem estudar.

Talita comenta que qualquer disciplina a mais é uma a menos. Pois o sábado já é bastante apertado em tempo de aula e está completamente preenchido pelas disciplinas regulares. Seria difícil abrir mão de alguma matéria, pois todas são cobradas nos vestibulares.

Vitoria propõe que se faça prova diagnóstica para dividir as turmas por dificuldade. Com intenso das disciplinas com maior dificuldade para cada turma.

Tatiana propõe que se separem os estudantes por interesse, áreas de humanas, exatas e biológicas. Ou também a livre escolha para

Vitor comenta sobre os problemas em trabalhar ranqueamento, que segrega as pessoas.

Vitoria diz que os estudantes devem ter responsabilidade por seu próprio conhecimento. Uma prova diagnóstica seria eficaz para que os estudantes escolhessem as matérias de acordo com as maiores necessidades deles.

Talita propõe simulados às sextas-feiras, tarde ou manhã, de acordo com o interesse do grupo de estudantes. Em média um simulado por mês, com um número mínimo de estudantes, que paguem pela impressão da prova. O valor seria revertido para a impressão e para fiscal de prova.

Renata relembra e reitera a importância de ideia de processo na aprendizagem. Porque assim eles perceberiam que não adianta não estudar o ano todo e tentar intensificar os conteúdos no final do ano. Precisam estudar ao longo do ano.

Gabrielle comenta que estudantes são muito jovens, tem pouca vivência e tem outras preocupações, às vezes é difícil convencer de que precisam estudar para o vestibular. Que devem criar o hábito de estudo.

Talita comenta da necessidade de se pensar em formas de potencializar as capacidades das pessoas, para que a pessoa que não tenha noção de conhecimentos básicos não fossem embora precocemente por não se acharem abarcadas. Assim como as pessoas que já têm conhecimentos mais profundos, possa melhorar seu desempenho. Salienta que na sua visão o Mafalda acaba sendo um cursinho que atende estudantes com níveis normais/padrão de conhecimento. Pois os que sabem pouco vão embora por não acompanharem, os que sabem muito vão embora porque o conteúdo não é tão intenso quanto eles queriam.

Gabrielle propõe que as pessoas sejam agrupadas por dificuldade de disciplina. Assim a equipe de educadores(as) poderiam se preparar para trabalhar com as turmas que tem mais dificuldade. Essa seria uma forma de melhorar o desempenho das pessoas.

Vitor levanta a reflexão de qual seria a postura de educadores(as) frente a essas turmas. Pois quem dá aula deveria trabalhar melhor para potencializar as salas, e buscar fazer com que as pessoas aprendessem melhor. O foco deve ser os(as) discentes.

Renata comenta que as salas mais numerosas levariam a modelos de aulas impessoais, com aulas muito expositivas e cheias de exercícios. Será que isso seria bom ou útil?

Talita comenta que a sala maior deveria ser ocupada pelas pessoas com mais facilidade e com melhor desempenho na prova diagnóstica – caso seja aplicada. A sala maior garantiria maior ingresso em números. Porque o estilo de aula seria prejudicial para estudantes que tenham dificuldade em alguns conteúdos, pois uma sala grande inibe a participação e perguntas.

Vitoria questiona de um educador de física que ela gostava muito e tinha ótima didática. Coloca a ideia de ele poder dar uma aula para os outros professores de como eles deveriam dar aula, de como é uma aula boa e didática.

Talita comenta que isso seria ruim e negativo, pois seria querer padronizar as pessoas a um mesmo modelo. Seria uma forma de colonizar a forma de ensinar.

Renata comenta que o curso de formação do início do ano ajudará as pessoas a refletirem sobre suas práticas.

Todas as pessoas presentes concordam com a divisão por autodeclaração de dificuldade em cada disciplina e fica definida essa forma de divisão para as turmas.